

CXXI

**POLÍTICA E GESTÃO ESCOLAR COMO ELEMENTO
ESTRESSOR DO PROFESSOR DA REDE PÚBLICA****Julia Hélio Lino Clasen⁷¹**IFSC. julia.clasen@ifsc.edu.br**Dyenifer Martins Barbosa⁷²**IFSC. dyenifer.barbosa@bolsista.ifsc.edu.br**INTRODUÇÃO**

O magistério é um dos campos de trabalho em que o imprevisível, o provisório e o conservadorismo são parte de seu processo. A escola está inserida em um macro sistema, municipal, estadual ou federal e é compreendida como um conjunto de elementos, ou seja, há vários fatores que interferem em sua composição: cultural, geográfico, econômico, político, social, entre outros, da mesma forma sofrendo interferências dos mesmos.

A problemática surge da pesquisa de doutorado, de uma das autoras. Os docentes vem indicando que os estressores de seu local de trabalho são o conjunto de mecanismos que envolvem a escola. Assim, se questiona em que medida a política e a gestão escolar, em sua materialidade, são elementos que estressam o professor? Objetivando analisar a política e a gestão escolar como elementos passíveis de estressar o docente. Pesquisa qualitativa, para o levantamento de dados foram utilizados questionários, entrevistas, conversas com experts, observação in loco, grupo focal e narrativa de vida.

Sobre quem pensa a educação, e quem a pratica no interior das escolas, percebe-se um abismo profundo e para minimizá-lo, em primeiro lugar, o grupo envolvido necessita reconhecer-se e saber em que contexto se encontra. O professor deve conhecer profundamente sua disciplina específica, pois ele mediará esses conhecimentos, mas nem

⁷¹ Pedagoga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidad J. F. Kennedy / IESLA.

⁷² Estudante da 7ª fase do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Santa Catarina.

sempre é assim. Corroborando com Arendt (2014, p. 231), não raro, o professor “encontrar-se apenas a um passo de seus alunos em termos de conhecimento”. Entendendo que as políticas públicas voltadas para a educação, possivelmente, não estão atingido o chão da escola como se espera.

Segundo Arendt (1999, p. 57), “o ponto central da política é sempre a preocupação pelo mundo e não pelo homem”, e a interferência nas ações humanas e essas como interferem no mundo. Afirma, ainda, a autora de que o sentido da política é a liberdade, uma expressão, muito simples, mas a partir deste conteúdo há todo um fazer, o papel de cada pessoa na sociedade.

A Rede Estadual Catarinense, pauta-se na Lei Complementar 170/1998, no Projeto-pedagógico de cada Unidade Escolar, em consonância com demais leis federais, tendo referenciais importantes para o trabalho do professor. No entanto, entre os documentos, a prática e o discurso, observa-se muitas contradições. A lei torna legítimo aquilo que é dever da gestão na escola, contudo, por sua vez o próprio perfil do gestor, nem sempre, caminha na visão democrática e o professor aceita a autoridade da legislação e do próprio gestor pela poder que representam.

O fato de os professores estarem adoecendo, como é constatado na pesquisa de doutorado acima citada pode estar atrelado, de alguma maneira, à forma como os docentes fazem a sua adaptação às instituições. De acordo com Dejours (2015) falar de doenças é mais fácil que falar em saúde, há sempre o que buscar sobre a infelicidade. Para o referido autor, ao tratar do tema trabalho, para o assunto chegar à doença não é difícil, mesmo o tema pertencendo às áreas da psicologia, psiquiatria, ergonomia, entre outras ciências. Se há um ser humano adoecendo, em um viés social, não há como isolá-lo, para uma pesquisa. Assim, os próprios cursos que formam os docentes, no caso desta pesquisa, devem abordar todos os aspectos de um contexto multisetorial, multifacetado no e do qual o trabalhador faz parte.

Conforme Codo (2002, p. 37) “a educação é a um só tempo problemática (o que ensinar? Para quê? Para quem?)”. Neste sentido, entende-se que educar é um ato fascinante e ao mesmo tempo singelo de realizar uma síntese entre o passado e o futuro, contudo, a sociedade atual, vem encarregando o docente de atividades que lhe fogem, lhes são desconhecidos ou que não são suas atribuições.

Para Schimieguel (2015, p. 78) “não é por acaso que muitos professores estão adoecendo”, são muitos comentários contra o professor por parte de estudantes e sociedade, isso “gera estresse, frustração e desencanto com a profissão.” Confirma Zagury (2006) em sua pesquisa, em que foram avaliadas as percepções dos docentes em relação aos demais

professores, diretores e equipe técnica. 4% dos docentes afirma nunca ser ouvido pelos diretores, 19% raramente são ouvidos e 14% acredita serem ouvidos. Um dado relevante é que sentem acolhidos em suas ideias pelos colegas.

Os dados obtidos com diretoras, experts, psicólogo e psiquiatra, mesmo não fazendo parte do grupo que partilham a mesma pertença, a identificação entre pares, convergem com relação aos aspectos sobre as políticas e a materialidade capaz de deixar o professor doente e foi fundamental no confronto dos dados. Ao triangular os dados obtidos nas entrevistas, grupo focal e narrativa de vida, conseguiu-se identificar os critérios para serem observados nas escolas. Assim, se pode confirmar as indicações, em nível de materialidade de cada unidade escolar.

A entrevista com experts em assuntos de políticas educacionais proporcionou aparar as arestas, pois a educação escolar é um tema amplo e o desejo era fazer um recorte mais próximo dos que se almejava. Em uma visão dialética, utilizando uma baliza dialógica durante todo o percurso da investigação, várias foram as situações de avaliação da jornada na tentativa de adequar os instrumentos às situações para que os erros fossem cada vez menores. Que a fidelidade estivesse em consonância com a ética. A questão de ser inédita para fazer a diferença em forma de intervenção em uma possibilidade, pelo menos, de oferecer maior visibilidade à questão dos docentes acometidos de doenças emocionais, diante da comunidade.

A representação social sobre a materialidade da escola, como seu ambiente de trabalho, elaborada pelos docentes afastados para tratamento é de um espaço de tristeza, de trabalho no sentido da palavra, sem a percepção do prazer de contribuir com o aprendizado do outro... o lugar do sonho que ficou para trás, foi substituído pelo local do sofrimento. Meio paradoxo, pois também indicaram como: “É tudo. Sentimento de realização no meio dos estudantes; realização profissional e pessoal. Minha vocação; faz parte da vida, não imagina fazer outra coisa; realizar sonhos, tornar o mundo melhor; Gostar do que faz, de crianças, trabalho e dedicação (gosto muito).”

Talvez a própria cultura escolar, como espaço de representação social, para o professor traga a situação acima, pois em seu comunicar pela entrevista, história de vida e grupo focal, as lágrimas, a frustração, a emoção demonstram representar a unidade escolar, seu ambiente de trabalho, o local que o deixou doente: “Crise de pânico (síndrome do Pânico); problemas emocionais (depressão); muito stress; ansiedade (vômito); cansaço excessivo; fadiga; stress; na escola, tudo parecia complicado. No entanto, em casa era mais tranquilo (fazia no seu tempo, tinha apoio da família). Assim, diante das repostas, fica

evidenciado na fala, a representação positiva feitas das unidades escolares, em sua consciência, não é o que o corpo e suas atitudes comunicam ao se referir à escola, ou pelo menos da “sua” escola.

Concluindo, uma investigação científica busca respostas e dentro de uma visão dialética as mesmas podem ser momentâneas, devido a concepção de que a sociedade, a natureza estão em constante transformação. Assim, neste momento entende-se que a materialidade da escola, pela percepção do professor, interfere diretamente no seu problema de saúde.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H.. O Que é Política? Trad. Reinaldo Guarany. 6. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ARENDT, H.. Entre o Passado e o Futuro. 7. ed., São Paulo: Perspectiva, 2014.

CODO, W.. Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome de desistência do educador, que pode levar à falência da educação. 3. ed., Rio de Janeiro: Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

DEJOURS, C.. A Loucura do trabalho: Estudos de psicopatologia do trabalho. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2015.

SANTA CATARINA. Lei Complementar SC 170/1998. Diário Oficial da Estado: Florianópolis, 21 de agosto de 1998. Disponível em: http://secon.udesc.br/leis/lei_170-1998.htm. Acesso em: 15 de jan. de 2019.

SCHIMIEGUEL, O. & SCHIMIEGUEL, H.. Indisciplina e impunidade na Escola - Por que professores estão adoecendo e alunos não estão aprende. Blumenau, SC: Nova Letra, 2015.

ZAGURY, T.. O professor Refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a Educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record. 2006.